

ANDRADE, Cristiane Rodrigues. **A perpetuação do sistema colonial sobre os corpos e as vozes das sociedades subalternas, Comunidade das Barreiras, Espírito Santo, Brasil.** Belo Horizonte: Centro Universitário de Belo Horizonte (UNIBH); Sétimo semestre; Daniela Paiva de Almeida Pacheco. Centro Universitário de Belo Horizonte (UNIBH) Atriz; Pesquisadora; Preparadora de elenco; Graduanda de Relações Internacionais.

RESUMO

A vertente Decolonial propõe o resgate histórico, o uso linguagens transdisciplinares e a inserção de teóricos latinos que emergem das periferias para a descolonização do ser, saber e poder. O fluxo de interações entre países dentro do Sistema Internacional deflagra a perpetuação do sistema colonial através da manutenção de relações colonizantes que legitimam a separação entre colono e colonizado, interferindo diretamente nos corpos e nas vozes dos indivíduos pertencentes às sociedades subalternas. Este artigo visa, por meio da metodologia de “Mímese Corpórea”, concebida pelo grupo latino LUME TEATRO, demonstrar a presença de uma estrutura que ainda não cessou nas comunidades periféricas: a estrutura colonial.

Palavras-chave: Relações Internacionais; Decolonialidade; América Latina; Mímese Corpórea; Comunidades tradicionais; Comunidade das Barreiras.

ABSTRACT

The Decolonial aspect proposes the historical rescue, the use of transdisciplinary languages (TORRES) and the insertion of Latin theorists that emerge from the peripheries for the decolonization of being, knowledge and power. The flow of interactions between countries within the International System deflagrates the perpetuation of the colonial system through the maintenance of colonizing relations that legitimize the separation between settler and colonized, interfering directly in the bodies and voices of the individuals belonging to the subaltern societies. This article aims to demonstrate the presence of a structure that has not yet ceased in the peripheral communities: the colonial structure, through the methodology of "Mímese Corpórea", conceived by the Latin group LUME TEATRO.

Keywords: International relations; Decoloniality; Latin America; corporeal mimeses; Traditional communities; Comunidade das Barreiras.

AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS E O MUNDO.

“Não se meta com o senhor ‘nem cá, nem lá”¹

A disciplina de Relações Internacionais (RI) é marcada por produções e debates epistemológicos centrados na arquitetura de soluções que buscam assegurar a cooperação e a redução de conflitos entre as nações. Neste processo emerge o primeiro debate “Idealismo x Realismo”, no período entre-guerras, o segundo debate “Behavioristas x Tradicionalistas”, nos anos 1960, e o terceiro debate “racionalistas x reflexivistas”, nos anos 1980.

Este último debate surge no contexto de modernização e descolonização das regiões periféricas do globo durante e após a Guerra Fria. As regiões asiáticas, africanas e latino-americanas, presas ao domínio externo

¹ Frase mencionada por um morador da Comunidade das Barreiras, Espírito Santo, Brasil.

colonial e imperial, são libertas e transformadas em Estados Nações Modernos, sob o “apoio” das potências estadunidenses e europeias que, supostamente, as levariam à ordem e ao progresso.

A disseminação de valores, normas e ordenamentos jurídicos e políticos, vinculados às identidades das hegemonias no processo de descolonização, facilita o ordenamento das relações entre os Estados na nova teia global que se forma. Torna-se universal algumas linhas de pensamentos e interesses, facilitando, por exemplo, a divisão internacional do trabalho e a sua coordenação.

Para além da complexidade e diversidade de temas que os debates de RI levantam, destaca-se o fato de apresentarem interpretações de se enxergar a realidade que alteram o modo dos Estados se relacionarem política, ideológica e culturalmente no sistema mundo.

Teorias Pós-modernistas, Feministas e Construtivistas emergem no intuito de se repensar as RI e a sua capacidade de acompanhar as novas visões de mundo e questionam a perpetuação de práticas opressoras nas micro e macro relações entre os indivíduos, dentro e fora das fronteiras dos Estados (FOUCAULT,2008). Os temas cultura, gênero, identidade, subjetividade e etnia, antes não tão debatidos, ganham espaço a partir dessas perspectivas teóricas. Dá-se início à intensa, e ainda presente, fase dos estudos culturais nos espaços acadêmicos.

Portanto, a cultura importa e possibilita transpor o sujeito de conhecimento para além das suas singularidades, que foram atomizadas e naturalizadas por uma estrutura de poder que busca invisibilizar os indivíduos diante das relações internacionais (BHABHA, 1998).

O grupo de estudos culturais britânicos, fundado pelo jamaicano Stuart Hall (2009), em consonância com o Grupo de Estudos Subalternos do Sul da Ásia, realiza uma revisão da historiografia e das narrativas liberais e marxistas europeias, encontrando contradições entre teoria e prática quando colocados simultaneamente com as análises dos povos não europeus, questionando, assim, a sua não inserção equivalente nos debates mundiais e nas formulações de pensamentos. Emergindo da rede de pensadores, como Alberte Memmi (1977), Frantz Fanon (2010), Aimé Césaire (2010), Edward Said (2007), Hommi Bhabha (1998) e Gayatri Spivak (1942), a vertente pós-colonial reivindica a inserção do olhar daqueles que se encontram nas regiões periféricas, historicamente subalternizadas, e levanta a poeira dos problemas históricos e epistemológicos.

A pós-colonialidade questiona as políticas de dominação do sistema internacional, formuladas pelos mesmos atores que predominam no campo das Relações Internacionais desde a sua origem. A criação de instituições que legitimam o poderio sistêmico coordenado pelas hegemonias sobre as sociedades subalternas influencia, além da cultura global, a cultura local, onde os hábitos relativos às individualidades são controlados por inúmeras instituições (governamentais ou não), que eximem os indivíduos de utilizarem as vias de linguagem singular à identidade construída historicamente com o todo em que habitam.

Hommi Bhabha, em seu livro “O Local da Cultura” (BHABHA,1998), expõe como a imposição do sistema neoliberal, regido pelo capital, força e controla as relações humanas em sociedades distintas, como as comunidades tradicionais que resistem em viver conforme seus modos, que dialogam com a

sua origem ancestral. Muitas, localizadas nas regiões subalternas, acabam forçosamente tendo que se enquadrar na estrutura colonial dominante devido à falta de escolhas que a teia complexa do sistema internacional proporciona.

Tais imposições e controles passam pela mente e pelo corpo dos indivíduos, influenciando em suas culturas, pensamentos e formas de se expressar e enxergar o mundo. Isso faz com que, ao serem aculturados, deixem de lado a sua raiz que compete ao seu passado, ancestralidade, identidade e cultura.

A modernidade reproduz as relações colonizantes que são modificadas através da institucionalização de Estados nações pelo globo e de Organizações Internacionais (OI's) e não governamentais (ONG's), que possuem em seu centro decisório a maioria (em números), não ocasionalmente, de representantes dos países hegemônicos.

A Pós-colonialidade contesta as visões de mundo orquestradas nos espaços eurocêntricos e estadunidense, perpetuando o domínio dos interesses que advêm do topo da pirâmide sobre as regiões subalternas. Utiliza-se, para isso, de artifícios ideológicos, epistêmicos, políticos, econômicos, culturais, religiosos, morais, dentre outros, que deflagram a sustentação de relações colonizantes por meio de instituições cujas finalidades são vigiar, criar leis, regras, punir, conduzir e apascentar os indivíduos, não deixando alternativas para que estes reivindiquem o seu espaço e o direito de negá-lo.

O Estado não só cumpre o papel de representar o seu território, como também de garantir o seu bom funcionamento em diálogo com os demais, que se encontram na teia do sistema internacional, a fim de não ser constringido, via sanções e bloqueios, por exemplo.

Sobre a veste neoliberal, a estrutura colonial permanece fomentando os interesses das potências que coordenam o sistema internacional moderno, excluindo as visões de mundo que neguem o modelo imposto ou não encontrem nele vantagens para segui-lo.

Por melhor que a vertente Pós-colonial tenha reivindicado colocar o olhar do subalterno nas discussões e nos espaços acadêmicos eurocêntricos, esta pautou-se majoritariamente em pensadores advindos destes mesmos centros, como Foucault, Jaques Derrida e Espinosa, limitando as suas análises às linhas de pensamentos daqueles que se encontram e falam a partir centros de poder (SPIVAK, 1942).

Gayatri Spivak, em seu livro “Pode o subalterno falar? ” (SPIVAK,1942), pertencente ao grupo de estudos subalternos Pós-coloniais, questiona o lugar de fala dos subalternos, critica o movimento Pós-colonial por perpetuar a lógica colonial ao fazer a crítica a si mesmo, ou seja, o europeu que critica o europeu. Dessa maneira, faz-se um convite para que os subalternos falem por si mesmos e de suas histórias.

Alguns pesquisadores dos estudos subalternos, situados nos Estados Unidos da América, radicalizam o movimento pós-colonial e criam o grupo Modernidade/Colonialidade, reivindicando a inserção da América Latina nos debates intelectuais internacionais.

Este grupo, Decolonial, realiza um estudo profundo e percebe, através da revisão bibliográfica, a presença de pensadores latinos, omissos na produção do saber no mundo. Percebe-se uma colonização histórica e presente do “ser”, “saber” e “poder”. Busca-se as suas origens, histórias, linguagens, saberes, e lógicas de se enxergar a realidade, passando pela

linguagem mitológica, cosmológica, ancestral e dos conhecimentos tradicionais.

O mundo a partir do olhar latino. Um científico não pautado pela razão iluminista. De maneira transdisciplinar e poética de enxergar a vida e o tempo, O movimento Decolonial busca descolonização como alternativa ao olhar do ocidental.

MÍMESE CORPÓREA

O Eu no Outro. O Outro em Mim.

Para que as transdisciplinaridades cruzem este trabalho, que busca perceber de que maneira as relações coloniais se fazem presentes nos corpos e nas vozes dos indivíduos subalternos, utilizou-se a metodologia de “Mímese Corpórea”, desenvolvida pelo LUME TEATRO - Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais da Universidade de Campinas, UNICAMP.

A Mímese Corpórea foi concebida em 1992, por Luís Otávio Burnier, na construção do espetáculo Wolzen, um giro desordenado em torno de si mesmo e aplicada no espetáculo Taucoauaa Panhé Mondo Pé, em 1993, cuja grande parte dos integrantes do LUME, hoje, esteve presente.

Burnier trabalhou durante três anos na França, como assistente de Etienne Decroux, com quem obteve a formação de Mímico Corporal Dramático e, posteriormente, lecionou artes dramáticas na Universidade de Campinas/UNICAMP. Durante este período, fundou o LUME Teatro com Ricardo Puccetti e Carlos Simioni para se dedicar à sistematização de metodologias teatrais que escapassem das vias cristalizadas de criação.

Após a morte precoce de Burnier, em 1995, os artistas-pesquisadores do LUME Teatro aprofundaram-se nas metodologias recém-concebidas, encontrando juntos, neste novo trajeto, qualidades e singularidades inerentes a cada pesquisador (a).

Neste artigo, falarei especificamente da Mímese Corpórea, desenvolvida pelo núcleo e apresentada a mim por Raquel Scotti Hirson, que tem se dedicado, nos últimos anos, na ramificação deste método, impulsionando os encontros e desencontros de minhas memórias corpóreas ocultas e silenciadas.

A Mímese Corpórea baseia-se no trabalho da observação de algo ou alguém como impulso para a elaboração de ações físicas e vocais por meio do corpo e da voz daquele (a) que observa para, posteriormente, conceber sua “Dança Pessoal” (LUME TEATRO) de ações, que será interligada na concepção cênica do espetáculo.

Para que a metodologia aconteça, é necessário ter vivenciado um trabalho pré-expressivo corporal e vocal que possibilite abrir espaços necessários, ao (a) criador (a), para a captação das sensibilidades a serem despertadas nos encontros e, posteriormente, recriados no trabalho criativo. O corpo do criador-pesquisador deve estar preparado para receber o movimento ocasionado a partir do encontro com o observado. Um movimento que “vela, revela e volta a velar”. (HIRSON)

A mímese corpórea, inicialmente, observava os corpos e vozes de pessoas, animais e objetos. Com o desenvolvimento do método, novos objetos de observação foram acrescidos, tais como a mímese de monumentos e de

palavras² (HIRSON). Estas vertentes foram descobertas, recentemente, pela atriz-doutora Raquel Scotti Hirson, em sua pesquisa de doutorado “Alphonsus de Guimaraens: Reconstruções da Memória e Recriações no Corpo”.

Primeiramente, investiga-se a definição do tema a ser pesquisado a fim de dar pistas para encontrar o observado e suceder o encontro entre o Eu e o Outro. Os encontros podem ocorrer no local da sala de ensaio, por meio da observação de imagens e da leitura de textos escolhidos pelo (a) artista criador, ou indo a campo.

Busca-se um meio que possibilite um encontro entre o observador e o observado, a fim de remexer as sensibilidades do corpo de quem observa, seja de maneira a trazer alegrias, tristezas, dores, repulsa, aproximação, estranheza, medo, confiança, curiosidade, desinteresse, conforto, afinidade, encontros, desencontros, chegadas, partidas, amor, ira, aconchego e outras tantas sensações e sentimentos que atravessam e se dão nas relações humanas, tendo como pano de fundo o seu todo.

Neste meio, ao encontrar-se com o observado, propõe-se uma aproximação com o Outro, de maneira a abrir fissuras que possibilitem os atravessamentos dessa relação entre o Outro no corpo do Eu que observa. Os atravessamentos encontram seus espaços nas memórias corpóreas ocultas do Eu que vê, muitas vezes adormecidas por um tempo e fluxo que não permitem acordá-las. É necessário estar aberto e ter coragem ao que os cursos desse encontro podem despertar em quem observa, pois tanto o orientador quanto o orientado não sabem qual será o resultado desta entrega.

É importante dizer que a Mímese Corpórea se além à observação precisa das gestualidades, olhares, tensões, trejeitos, pesos, desequilíbrios e apoios do ser/objeto/monumento/palavra observado. Este método não é considerado imitação, por buscar recriar, a partir do encontro do Eu com o Outro e do Outro em Mim, as singularidades, complexidades e especificidades de cada ser. Almeja-se reduzir qualquer possibilidade de se recriar um corpo estereotipado que possa ocultar a energia vital do Outro observado.

Derivada do cruzamento, a relação vivida entre o Eu e o Outro e o Outro no Eu é registrada nas memórias corpóreas do pesquisador-observador para serem ativadas, remexidas e recriadas no espaço-tempo cênico criativo, constituindo-se em ações físicas. Neste processo, apresenta-se, via corpo e voz, as texturas, cores, cheiros, gostos, presenças, energias, ritmos, medos e outras tantas sensações e sentidos registrados na memória corpórea, no momento da relação, e anotados no diário de campo do observador. Tateiam-se as memórias do Outro no Eu corpo, encontrando particularidades e pontos desconhecidos.

Um profundo mergulho em si, descobrindo onde o outro se localiza vitalmente no Eu corpo. Com os olhos do corpo e da memória abertos, desta infundável busca surgem as ações do Outro em Mim, aparecendo, neste caminho de re-descobertas e re-encontros, as ações físicas e vocais.

As ações físicas e vocais recriadas são resinificadas e, conforme aparecem no processo de criação, começam a fazer parte do repertório vivo do criador (a), compondo, assim, a sua Dança Pessoal. Esta dança singular ao processo vivido e revivido criativamente, que tem a sua raiz no encontro, é

² Em que pese o fato da palavra derivar do sujeito e da pessoa, a mímese da palavra não observa a pessoa, mas sim, a produção textual dela. Seja uma reportagem, uma carta, poesias, textos e, arrisco-me a inserir, a transcrição e leitura dos áudios dos observados entrevistados.

conectada pelos chamados ligames (BURNIER), ou seja, pelas pontes criativas que conectam as ações da dança pessoal, para serem polidas e inseridas na composição do espetáculo teatral.

Com o espetáculo “pronto”, novos fluxos e relações iniciam-se. Encontros e desencontros acontecem a cada apresentação, tendo que os pontos de fissuras do corpo do ator (atriz)-pesquisador (a) estarem sempre abertos aos novos encontros e atravessamentos que sucederão a cada cortina que irá se abrir. Em outras palavras, sucede o compartilhamento de histórias e experiências entre o Eu nos Outros e os Outros em Mim.

As vibrações do primeiro encontro se fazem contínuas na memória corpórea depois de despertadas, trabalhadas, codificadas, dançadas e expostas. A cada apresentação, as memórias trabalhadas são novamente acordadas, proporcionando um eterno encontro consigo mesmo e com as memórias vindas das relações com o Outro observado. O ato de atuar torna-se um ato vivo, ativo, constante, humanizado e não-estereotipado. A partir de agora uma tríade se faz presente. Trocam-se as experiências recriadas com a plateia. Começa-se o espetáculo. O Eu, o Outro e os Outros fazem-se presentes no teatro.

O encontro com a Comunidade das Barreiras, Espírito Santo, Brasil.

“Quando te vi, amei-te muito antes. Tornei a achar-te quanto te encontrei.” (Pessoa,2015)

³Fruto do acaso e do destino e da necessidade de sossego em um momento adverso da vida, a Vila de Dunas de Itaúnas, situada no norte do Espírito Santo, trouxe-me com fartura o alimento de que tanto precisava e, como “chorinho”, de cortesia, para firmar meu coração, pés, inquietações e pensamentos, uma FARTURA DE HISTÓRIAS.

Histórias de um tempo que já não existe mais, que denuncia a falta de cuidado humano sobre os povos que residiam ali, sobre suas memórias e suas terras que ainda vivem nos corpos e nas vozes de quem as conta, ainda vivas no corpo humano. História sobre como as Dunas invadiram a vila, a festa do Ticumbi e Reis de Bois, as lendas do boitatá (cobra de fogo) e dos peixes da região que “engolem” gente, como o peixe Mero, as pescas e um pouco de desabafos sobre o fato de não ter a quem passar adiante os conhecimentos adquiridos com o tempo.

Após conhecer a Vila de Itaúnas e perceber esta fartura existente no território capixaba, nos anos seguintes, tendo como força motriz conhecer suas histórias, sob a ajuda de queridos amigos, deparei-me com a ilha de Guriri, pertencente ao município de São Mateus, uma das cidades mais antigas do Brasil, após a invasão dos portugueses. Povoadas majoritariamente por aposentados, donos de bancos, empresas nacionais e multinacionais, estudantes e pessoas advindas de regiões diversas, São Mateus demonstra ser um lugar de pouca valorização dos povos locais, das comunidades tradicionais, da cultura local e das raízes que ainda restam.

O DESCASO aparece com letras maiúsculas e o romantismo sobre a região cessa ao constatar a falta de instituições locais capazes de garantir os direitos mínimos aos indivíduos necessitados. A ine-fi-ciência do Estado se faz presente para com os desterrados, excluídos de suas raízes e da “construção política” do que viria a ser

³ Carta enviada à Raquel Scotti Hirson, em janeiro de 2018, durante o trabalho de campo, anterior ao curso de Mimese Corpórea Módulo II – LUME TEATRO; CAMPINAS.

a “modernidade”. Deu-se espaço para os portos, petrolíferos, cafezais, coqueirais, imensas plantações de eucalipto que sugam os nutrientes da terra e outras instituições instaladas localmente, que aplicam com severidade as leis formuladas pelos Estados. Estas, fiscalizam o nativo e o seu modo de se relacionar com os elementos da natureza, da qual é dependente para retirar o sustento que alimenta a sua comunidade.

A divisão internacional do trabalho se faz presente nessas terras. Já diziam os missionários mandados pela coroa portuguesa que aqui se achegaram: nessas terras há fartura de peixes, mariscos, mandioca, madeira, tinta, animais de caça, água (mesmo salobra), coco, óleo de coco, ervas medicinais... sua natureza oferece os recursos necessários para se viver, não sendo necessária a dependência da metrópole europeia. (SAMPAIO, 2015)

Refugiar-se e aquilombar-se nas matas como antes já não é tão eficiente. Os rios e as matas contaminadas. As terras cercadas e controladas pelas empresas. Os conhecimentos tradicionais, que garantiam a saúde e a formação da identidade local, se perdem com o tempo e são dominados pelas empresas farmacêuticas, pela mídia e pelas igrejas protestantes e católicas que demonizam e discriminam outros modos e saberes que não condizem com a cultura do ocidente.”

Busco contar um pouco da história da comunidade das Barreiras, do povo que vive aqui, dos acontecimentos que antecederam o nosso tempo e deste processo criativo em contínuo andamento. Porém, conto do ponto de vista da pesquisadora que escreve após trilhar o caminho percorrido na ilha de Guriri. E de que maneira se envolveu com esta terra e seus queridos nativos.

Falar um pouco da pesquisadora é uma maneira de compreender a interpretação e o modo de quem escreve. No Brasil, muitas são as histórias narradas por estrangeiros, cujos objetivos ultrapassaram o registro histórico, deixando o registro da memória brasileira ser um culto à memória colonial, expondo o trajeto desbravado pelo colonizador e seu ponto de vista.

O mote inicial desta pesquisa era conhecer a história local a partir do viés cultural, conhecendo o seu povo a partir de suas histórias e lendas. Buscava-se também histórias omissas e silenciadas. Nesse sentido, as comunidades quilombolas e indígenas ainda guardam, em suas práticas, formas ocultas não registradas, encontradas vivas em um povo esquecido, dependente da natureza e de um sistema burocrático que não quer incluí-lo.

Situada no entre-lugar (BHABHA, 1998), entre os municípios de São Mateus e Conceição da Barra, situa-se a Comunidade das Barreiras. Neste hífen, vivem caranguejeiros e caranguejeiras, marisqueiros e marisqueiras, pescadores e pescadoras, forrozeiros e forrozeiras, crianças, idosos, galinhas, pulgas, cachorros, pássaros, porcos, jaguatiricas, guaxinins, maruís (pernilongos), pé de manga, jamelão, mangaba, coqueiros e pimenteiras.

A grande maioria que reside nas comunidades tradicionais são povos originários da região. Diferente do centro de Guriri, onde residem aposentados, estudantes, turistas e trabalhadores temporários, sem nenhum apego à terra, à cultura, à história e à manutenção dos saberes cultivados ali anteriormente. Deparei-me com situações que revelam o descaso na preservação das histórias e do desconhecimento da população acerca de seu passado. Os moradores mais velhos, mais conscientes, sentem por não ter a quem repassar a tradição.

Passar os conhecimentos relativos à sobrevivência básica humana, como saber pescar, panhá caranguejo, matá cobra, lidar com o nascimento, com a morte, achá os remédios que precisa na mata, as plantas de se comê, as plantas de não comê, conhecer as vozes dos ventos, dos mares, do sol, com as folhas, as árvores, do caranguejo, da chuva, da água e de toda a natureza sem matá-la. Saber dividir. Preocupar-se com outro. Saber viver com seus familiares, em comunidade. Saber brincar, correr, andar descalço, machucar, adoecer, sarar, se sujar, se lavar, esperar, perseverar... tantos saberes... nos foram retirados, enterrados, jogados no limbo do esquecimento. Não nos contaram que eles estão aí... aliás... ainda estão. E todos eles expressam um pouco de nossa identidade escondida.

Ouvindo o corpo e os olhos dos nativos pulsando, ao contar as histórias, elas se fazem reais. Diversas pessoas afirmam ter presenciado visões e escutas do saci-pererê, caipora, mula-sem-cabeça, lobisomem, iara, e a caipora do mangue, boitatá (cobra de fogo) e menininho-d'água. Histórias que convergem e demonstram um olhar mítico em comum. Um compartilhamento grande do passado, resultado da interação dos humanos com a floresta que está sendo esquecida junto de suas histórias. Na mata residem as lendas.

Preservar a natureza, as suas histórias, resgatar os mitos, as tradições é reconhecer os saberes que pertencem a nossa nação e traduzem o nosso modo de falar, nossa língua e comunicação. Falamos com e através da natureza, essa é uma das verdades que querem nos negar, ou, cooptar para se enquadrar na lógica global de especialização e, quem sabe, virarem estradas das realidades patenteadas.

Construção de saberes e identidades a partir do mangue sustenta grande parte da necessidade humana da comunidade das Barreiras (BOTELHO, 2014). O rio, o mangue, o vento é gente "no trato". O nativo se orienta pela lua e sabe o dia exato em que o caranguejo vai andar para cruzar com a canguá e quando esta vai desovar. Se orientam pelas marés para saber o momento certo de catar o caranguejo. Saberes herdados dos tupinambás, que viveram nestas terras fartas, exclusivamente da caça, da catação de crustáceos e de frutas, sendo considerada pelos povos indígenas como uma região sagrada.

O desafio epistemológico, ético e político está na possibilidade de se interagir com os mundos secularmente negados a sua existência real, de forma transdisciplinar. O movimento Decolonial abre-se para o contínuo aprendizado a partir do outro e dos outros tantos pensamentos negados. (TORRES, 2016).

Neste sentido, enquanto pesquisadora, busquei constelar, através da Mímese Corpórea, as realidades existentes e invisíveis nos outros e em mim. O movimento do corpo e da mente e a experiência de estar em campo me fez repensar o que é esse invisível e a busca eterna para compreender elementos não específicos.

Uma coisa é certa: não há partida ou chegada. Percebo o contínuo fluxo de observações e questionamentos deixados aí. A certeza é o final; a incerteza, a sua continuidade. Sendo incerteza uma maneira de não delimitar assuntos e colocá-los como acabados, como uns fizeram com os colonizados, colocando fim e início em suas histórias.

Após permanecer meses em contato com os moradores, realizar entrevistas, colher relatos, desabafos, aprender a catar caranguejo, pescar,

brincar, chorar, comer pouco, algumas imagens invadiram o meu corpo quando ativados em sala de ensaio. Pela escassez de tempo, atentei-me à metodologia de Mímese Corpórea e aos comandos de Raquel, que me estimulava a trabalhar as relações que me mexeram. Dos encontros corpóreos, em fase de codificar as ações físicas a serem dançadas (LUME TEATRO), relatarei uma pessoa observada. Com o corpo aquecido e janelas da alma abertas, os corpos dos Outros observados se achegam, a partir das memórias corpóreas vivas, advindas das relações compartilhadas.

A primeira memória corpórea e vocal desperta foi a de “Jacinha” :

Grande amiga. Foi quem me acolheu, amparou e compartilhou suas histórias de vida. Corpo magro, ágil, sorriso largo, tampado com esforço quando a timidez aparece, pés pequenos, descalços, andam na areia quente e fina da ilha. Barriga para frente de quem já teve três filhos. Pele machucada do sol, cabelo “pretin” e liso, pele escura revelam sua miscigenação indígena e africana, e vida sofrida. Sua voz se movimenta ágil no espaço. Vai do agudo, bravo e rápido, ao chamar os filhos dispersos na ilha, do grave e manso, quando a voz volta para falar mais perto. Pescadora, marisqueira, dona de casa, mãe, Jacinha tem urgência de sobreviver. Vai no mangue dia sim, dia não, devido esforço exigido para ultrapassar suas raízes e atravessar o rio ou a mata. Alegre e forte, Jacinha enfrenta, junto à comunidade, as dificuldades de se viver no esquecimento, pobreza e miséria. Pouca água, pouca comida, pouco recurso, pouco acesso aos bens públicos. Aliás, ônibus apenas duas vezes ao dia, quando tem aula, através do escolar que leva as crianças à escola. Analfabeta, o incentivo, para seus filhos irem à escola é a bolsa. Todos trabalham e não veem muito sentido neste esforço. Jacinha é “amasiada”, ou seja, vive junto de seu parceiro. Separou-se do parceiro anterior, pai dos seus filhos. Jurinha viveu uma vida abusiva e de violência com este. Jurinha sofria violências constantes. Ele lhe batia, proibia-a de sair de casa, fazia ameaças e alegava não ser pai dos filhos de “cor”. Quando seu último filho nasceu, ainda em resguardo, quase foi assassinada pelo marido, que tentou botar fogo na casa com seus filhos, ação não concluída pela intervenção de um dos irmãos da pescadora, que a retirou a tempo de não ser apagada pela ação misógina. Após este acontecido, Jurinha foi para a casa de sua mãe e seu pai, que vivem na comunidade. O “ex-companheiro” foi embora. A marisqueira recomeçava a sua vida novamente. Na pimenta, no forró e na cachaça que afogam as mágoas e alegrias de muitos. Enfrentando o alto consumo de álcool e o alcoolismo de seu pai, Jurinha deparou-se com a visita de seu atual parceiro, que a tirou da casa do pai. Com este novo parceiro, e a adesão destes à igreja protestante, a vida deles foi construída, e hoje enfrentam a luta diária comumente.

Abaixo deixo algumas observações do trabalho de Mímese Corpórea em andamento:

MÍMESE DE MONUMENTOS – Mangue, rio, vento, sol, ilha, mato e coqueiro.

MÍMESE DE PESSOAS – Nativos das Barreiras, fazendeiros e empresários de Guriri.

MÍMESE DE OBJETOS – Faca, rede de pesca, bote, cachaça, galhos.

MÍMESE DE SERES – Caipora e o mangue, saci-pererê, iara, mero

MÍMESE DE BICHOS – Caranguejos, cachorros, galinhas, macacos, porco, onça, ostra (estalo da ostra-som), barata, pulga, maruís do mangue, tartaruga.

CARANGUEJO
CARANGUEJO-ÇÁ
CARANGUEJO-VERDADEIRO
CAYANHÃO
CARANGUEJO DO MANGUE ⁴

ANÁLISE DECOLONIAL

PÓS-COLONIALIDADE
SUBALTERNIDADE
SUB-ALTERNIDADE
SUB-ALTER-IDADE
ALTERNIDADE – SUB
ALTER-IDADE
ALTER – SUB – IDADE
DECOLONIALIDADE
ALTERIDADE
TER-ALTERIDADE
TERRA-ALTERIDADE
DESCOLONIZAÇÃO
SUB-VERSÃO
SUL-ALTERIDADE⁵

Aproveito a deixa da mímese da palavra “subalternidade” que reverbera, junto às transcrições dos relatos, neste processo em pesquisa, para adentrar na análise Decolonial. Existem três instâncias a serem lançadas aqui sobre a maneira que a perpetuação do sistema colonial se apresenta nos corpos e vozes dos indivíduos pertencentes à comunidade das Barreiras, Espírito Santo, Brasil.

A região da Comunidade das Barreiras é permeada de outras tantas comunidades tradicionais de quilombolas, indígenas, pescadores e marisqueiros que sofrem pelo mesmo controle do sistema de colonização exercido pelas potências hegemônicas. Estas transitam pela teia complexa do sistema internacional, utilizando-se de instituições como as Igrejas, Organizações Não Governamentais, dentre outras, para colonizarem a maneira do nativo enxergar o espaço, o tempo, o ambiente, o mito, o cosmo e outros aspectos que se localizam no campo dos saberes tradicionais, das memórias, da ancestralidade, dentre outras subjetividades. A primeira interferência a ser colocada a seguir, diz respeito à presença das empresas, FIBRIA e SAMARCO/Vale do Rio Doce, no cotidiano da Comunidade das Barreiras.

O rio Cricaré, afluente do Rio Doce, que passa pela Comunidade das Barreiras, entre os municípios de São Mateus e Conceição da Barra, apresenta o impacto da lama, ocasionado pelo rompimento da Barragem de rejeitos da mineradora Samarco, na cidade de Mariana.

A Vale do Rio Doce tem destruído milhares de reservatórios de água no Brasil na extração de minério. No local pesquisado não é diferente, sendo encontrado recentemente registro dos rejeitos de minério nos locais onde são

⁴ Nomes de caranguejo popularmente conhecidos pelo território brasileiro.

⁵ Estudo, ainda em processo, corpóreo e vocal da mímese da palavra (HIRSON).

retirados os alimentos da comunidade, como o rio onde se banha e retira o peixe, e o mangue, onde vivem as ostras, peixes, siris, caranguejos, camarões, e espécies em ameaça de extinção, popularmente conhecidas como peixe “Mero” e caranguejo “Guaiamum”.

Os nativos da comunidade relatam a presença de peixes mortos boiando no rio, no encontro deste com o mar, bem como a sua diminuição e redução de tamanho. Os nativos relatam também a dificuldade de se recorrer ao rio quando estão com fome, apanhando quantidade inferior à anteriormente, reduzindo-se o consumo familiar. A água do rio não dá para beber e se banhar. Aponta a presença de um lodo verde, nunca antes visto, que de vez em quando desce o rio. Relata-se que a água causa recentes coceiras, vermelhidões no corpo, descamação e gripes aos que se banham. Os mariscos presentes no mangue recebem o mesmo impacto, além de seu habitat apresentar cheiro ruim, maior quantidade de mosquitos (pernilongos) e caranguejos mortos, demonstrando a contaminação da lama tóxica.

A presença institucional da Samarco na comunidade, na coleta de amostra da água, agora em maior frequência, confirma a presença dos rejeitos. Este desastre causou um dano irreparável ao país, afetando diretamente os municípios que interligam Minas Gerais e Espírito Santo através do antigo Rio Doce, desaguando no mar e atingindo a região próxima à comunidade.

A falta de compreensão da “lógica sistêmica capitalista”, e do que a presença da lama pode acarretar na vida social e ambiental da comunidade pelos nativos que recebem a indenização da Samarco, por este dano ambiental, faz com que gastem a verba com utensílios não duráveis, não sendo garantida a sua futura proteção.

Aqui tinha muito Mero. O rio passava aqui. A boca da Barra era mais ou menos ali assim. Tinha muito Mero. Depois a coroa foi secando. O peixe foi indo lá pra fora...agora só dá esses piquinininhos aí. Tinha muito Mero. Era só jogá a linha, que tava pegando 7 a 10 kg do peixe.⁶

A FIBRIA, atualmente controlada pelo grupo VOTORANTIM CELULOSE E PAPEL, ocupa grande parte do território capixaba no cultivo de eucalipto para a produção de celulose. Sua instalação se deu em 1960, na nova divisão territorial do país, durante o período militar. Desde então, esta empresa se tornou a maior produtora de celulose no mundo. Hoje, fatura cerca de R\$ 10 bilhões ao ano e produz 5,6 milhões de toneladas de papel, sendo uma das maiores causadoras de problemas territoriais das comunidades quilombolas e indígenas, situadas no norte do Espírito Santo e no sul da Bahia. (CAMPO GRANDE NEWS, 2017).

A FIBRIA, antiga ARACRUZ CELULOSE, impede que as comunidades locais permaneçam em suas terras. Além de desabrigar milhares de nativos, desabriga uma série de espécies que têm a mata atlântica como seu habitat, sendo que muitas encontram-se sob ameaça de extinção.

A imensa extensão de eucalipto, árvore de origem australiana, se torna uma muralha que inibe a proliferação da fauna e da flora local, pois os subsídios necessários ao solo, para tal natureza, são consumidos pelos eucaliptos. Sem plantas, frutas e animais para caçar e com suas águas contaminadas, o descendente de índio e negro, que se refugiou da colonização

⁶ Relato do pescador da Comunidade das Barreiras.

na mata, ainda se encontra ameaçado após a “abolição”, visto a presença de empresas como a FIBRIA que se apropria de seus territórios, seja pela demarcação das terras, seja pela intoxicação das águas e matas.

Antes a gente plantava. Tinha muita mandioca. Precisava de pouco dinheiro. Agora hoje os agricultores venderam as terras pro calipau. Fazê o quê? No meu pensamento essa crise é por causa dos fazendeiros, porque venderam as terras pro calipto. O calipto plantou até a casa dos outros. Madeira, né? A pessoa vai comê madeira?⁷

A segunda interferência diz respeito à presença das igrejas nas comunidades tradicionais. O número de igrejas católicas e protestantes instauradas nas ruas e esquinas da região da Comunidade das Barreiras, frequentadas em sua maioria pelos descendentes de negros e índios, deixam claras as marcas do domínio ocidental sobre elas.

A igreja é uma das grandes forças legitimadoras da colonização brasileira, que tem em seu histórico a dominação dos povos pelas vias da espiritualidade e das subjetividades. Colonizam-se corpos, hábitos, saberes, mitos, memórias e pensamentos através da evangelização, que compele diminuir as expressões que possam desconstruir identidades e linguagens que representam esta instituição ocidental.

O nativo evangelizado despedaça sua cultura e ancestralidade presentes ainda em seu corpo, enquanto território de saberes, pois sabe que estas instituições religiosas católicas e protestantes (que vão do campo espiritual até chegar ao material) não permitem o acesso às memórias ancestrais que se encontram nas lendas, rituais, mitos, hábitos, histórias, entre outros traços, cujas manifestações se conectam às suas matrizes africanas e indígenas e são socialmente marginalizadas. A extinção dessas vias cognitivas demonstra o controle ocidental sobre os indivíduos, interferindo na sua maneira de ser conectado a sua ancestralidade.

A terceira interferência acerca da manifestação da colonização sobre os indivíduos da comunidade das Barreiras está na contínua presença das organizações governamentais e não governamentais (ONG'S).

Órgãos como o IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, demonstram controle sobre as atividades diárias dos nativos e as formas como interagem com a natureza.

Tudo leva a crer que este controle se torna incoerente, comparado às fiscalizações exercidas por esses organismos ao núcleo dos donatários das terras capixabas, composto por fazendeiros descendentes de portugueses, alemães e italianos, que ocupam uma grande extensão de terras no norte do Espírito Santo.

Estes, possuem grandes plantações de café, mandioca, criação de gados e extensões de coqueiros desproporcionais às regulamentações exigidas pelo IBAMA. Convém dizer que muitos destes fazendeiros não respeitam as leis impostas pelos órgãos públicos, descartando nos rios, terras e mares resíduos de suas produções que, em grande escala, causam danos ao meio ambiente e aos meios de vida daqueles que da natureza retiram o seu sustento.

⁷ Relato caranguejeira da Comunidade das Barreiras.

A diferença de se aplicar e fiscalizar o cumprimento da lei comprova a permanência de um regime colonial que beneficia os fazendeiros donatários de terras e desprivilegia os nativos descendentes de escravos, sendo a lei utilizada para reforçar o domínio das hegemonias sobre os colonizados.

A pesca, a catação de caranguejo, sururu, ostra e outros mariscos, a catação de frutas e a plantação de mandioca são atividades controladas por organizações que acabam por interferir na manutenção e perpetuação das atividades tradicionais dos nativos.

Em sua maioria são atividades artesanais herdadas pelos negros e índios que, durante a escravatura e/ou após a abolição, se instalaram nas matas, aprendendo a tirar dela o seu sustento. Saberes que causam poucos danos à natureza e que poderiam obter maior compartilhamento com outras comunidades e o reconhecimento das instituições científicas.

O território delimitado e a voz silenciada restringem a liberdade dos indivíduos que não compreendem a lógica do sistema moderno neoliberal que os cerceia. Dessa maneira, o corpo e a voz do indivíduo subalterno se restringem às novas imposições colonizadoras que são temporariamente reconfiguradas pelo sistema vigente.

Alguns nativos possuem a consciência do valor de suas terras e o seu significado para a manutenção de sua comunidade e família, resistindo às interferências ocorridas, como as provocadas pelas instâncias citadas, que legitimam o controle sobre o corpo e voz do ser subalternizado e separação entre colonizador e colonizado.

SER OU NÃO SER LATINO

O Espírito Santo possui um histórico, desde sua colonização, de medidas que facilitam a entrada de grandes fazendeiros, proprietários rurais e - desde o processo de modernização - da entrada de empresas extrativistas de recursos naturais e minerais, como o extenso cultivo de eucaliptos e extração de petróleo.

Dentro desse processo, a expropriação das terras indígenas e quilombolas foi necessária para garantir a entrada e permanência dos grandes proprietários das terras. Os habitantes, que ali se encontravam, inúmeras vezes ficaram desterrados, tendo que migrar para regiões diversas, dificultando o acesso, a apropriação de suas terras e a formação de uma identidade cultural em diálogo com o seu território de origem.

Mesmo com todas as suas limitações, como a falta de água e comida, encontro, na Comunidade das Barreiras, a esperança de descortinar, através das histórias, os saberes não conhecidos e perdidos no tempo.

Por mais que tenha me envolvido com a comunidade, este artigo não vem para ocupar o seu lugar de fala, que só pertence a ela falar. Mas falo, aqui, do meu lugar de brasileira, atriz, pesquisadora e latino-americana, que encontra nesta região as tantas identidades omissas dentro do meu corpo e despertas após relacioná-las a esses saberes. Afinal, é possível ser aquilo que não é?

Utilizo o teatro como espaço de transgressão para questionar a modernidade, denunciar este poder que movimenta o corpo e a mente dos corpos subalternos, buscando a quebra do pensamento totalizante e de senso comum. O artista deve se colocar em risco. "O artista domado é um ser inútil" .

Por isso a metodologia de Mímese Corpórea (LUME TEATRO) se faz ponte para dialogar com as epistemes contidas nesta pesquisa em andamento, e minimizar o silêncio contido nas vozes e nos corpos dos indivíduos.

De início, pensei estar lidando com um método que valorizava e demonstrava o compromisso e os benefícios do fazer teatral, sendo uma via para encontros, trocas e alteridades.

Hoje, percebo que a metodologia de Mímese Corpórea (LUME TEATRO) dá possibilidades de conexões transdisciplinares que a teoria Decolonial reivindica, trazendo uma nova forma de linguagem latina, que acontece através da relação entre o Eu, o Outro e o seu todo.

Sendo assim, resistir ao campo epistêmico eurocêntrico - idealista, realista, neoliberalista, neorrealista, pós-modernista e construtivista - das Relações Internacionais torna-se um grande desafio para este trabalho científico, que busca nos autores emergentes latinos descolonizar este campo de estudo.

Desejo meu país de volta. Se, das múltiplas coisas que o latino sabe fazer é resinificar as suas histórias e materialidades, requisito a minha memória, ancestral, mitológica e cosmológica.

Desejo que meu povo enterrado renasça e permaneça vivo nas minhas memórias corpóreas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ATAÍDE, Fernanda. *O debate entre as teorias Positivistas e Pós-Positivistas de Relações Internacionais*. Internacional da Amazônia. Julho de 2015. Disponível em: <[://www.internacionaldaamazonia.com/single-post/2015/07/06/O-debate-entre-as-teorias-Positivistas-e-P%C3%B3s-Positivistas-de-Rela%C3%A7%C3%B5es-Internacionais](http://www.internacionaldaamazonia.com/single-post/2015/07/06/O-debate-entre-as-teorias-Positivistas-e-P%C3%B3s-Positivistas-de-Rela%C3%A7%C3%B5es-Internacionais)>. Acesso em: 03 de dez. 2017.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BALLESTRIN, Luciana. *América Latina e o giro Decolonial*. Revista Brasileira de Ciência Política, n. 11. Brasília, mai/agos, pp.89-117, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010333522013000200004&script=sci_abstract&tlng=pt> . Acesso: 11 de março de 2018.

BOTELHO, Mônica Lima Rodrigues. *Barreiras: Vida, trabalho, saberes e desafios da Comunidade de Catadores de Caranguejo*. São Mateus: UFES. 2014.

BURNIER, Luís Otávio. *A arte de Ator: da técnica à representação – Elaboração, codificação, e sistematização de técnicas corpóreas e vocais de representação para ator*. Campinas: Unicamp, 1994.

CARNEIRO, SIMONE. *Mestres & Mares - Espaço e Indivisão na Pesca Marítima*. Porto Alegre: Editora: Annablume, 1994.

FERNANDES, Margareth Maria Sales. *A comunidade de pescadores artesanais das comunidades das Meleiras e Barreiras, Conceição da Barra – ES. Inserção dos territórios tradicionais na dinâmica econômica capixaba*. Universidade de São Paulo. 2007

FERRACINI, RENATO. *A Arte de Não Interpretar como Poesia Corpórea do Ator*. Campinas: Editora da Unicamp, Imprensa Oficial do Estado S.A. – IMESP, 2001

FOCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Ed 35. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

HIRSON, Raquel Scotti. *Alphonsus de Guimaraens= reconstruções da memória e recriações no corpo*. Campinas: UNICAMP. 2012.

_____. *Corpoetizar: reflexões sobre mimese poética da palavra*. UNICAMP.

_____. *O Estado da Arte do Procedimento de Mimesis Corpórea do Lume*. Vol. 2. Ed. 29. 2012. Urdimento-Revista de Estudos em Artes Cênicas. UDESC.

_____. *Mimese e Subtexto*. Portal Abrace. VII Congresso. 2014.

_____. *Tal qual apanhei do pé: uma atriz do Lume em pesquisa*. Campinas: Aderaldo & Rothschild, 2006.

_____. *Um Dia... - Um Passo Adiante*. ILNX-Revista do LUME. 2012.

NARDOTO, Eliezer. *História, Economia e Geografia de São Mateus*. Ed.9. São Mateus: Editora Folha Acadêmica, 2015.

PESSOA, Fernando. *Primeiro Fausto*. Terceiro Tema; A Falência do Prazer e do Amor. Editora: Lumme Editor, 2015.

RIBEIRO, Adélia Miglievich. *Por uma razão Decolonial: Desafios ético-político-epistemológico à cosmovisão moderna*. Civitas Revista de Ciências Sociais. V.14, n.1, jan/abr, 2014, pp.66-84,

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2010.

SUBIRATS, Edward. *Mito, magia e Mimese*. Antipod. Rev. Antropol. Arqueol. No. 15, Bogotá, jul-dez, pp. 31-66, 2012.

TORRES, Maldonado. *Transdisciplinaridade e Decolonialidade*. Revista Sociedade e Estado. Vol. 31. N.1. Jan/Abril de 2016.

SEIXAS, Beatriz. *A revolução do petróleo*. GAZETA ON LINE. Set. de 2017. Disponível

em:<<https://www.gazetaonline.com.br/noticias/economia/2017/09/a-revolucao-do-petroleo-1014098636.html>>. Acesso em: 04 de dez. 2017.